

# Destaque

## O aniversário da posse de Obama Das expectativas elevadas ao choque da realidade

# O ano mais perigoso do Presidente que está obrigado a ser excepcional

## Obama entra no segundo ano na Casa Branca com a sua desmesurada agenda interna em risco e os principais objectivos externos por realizar

Jorge Almeida Fernandes

● O segundo e crítico ano da presidência de Barack Obama começa sob o signo de pressões contraditórias, no plano doméstico e no internacional. Depois das elevadas expectativas, todos lhe exigem “resultados”. Se ao longo de 2009 foi a agenda doméstica que mais o ocupou, será ainda ela a marcar os grandes momentos do ano político americano, que culmina nas eleições intercalares de Novembro.

No topo das prioridades está a economia que, além de condicionar a política interna, pesará na sua margem de manobra na cena internacional. Mais do que o pagamento das promessas, e da “esperança”, o que hoje a América lhe impõe não é ser um bom Presidente, mas um “Presidente excepcional”.

O problema mais sensível é o desemprego. Obama foi confrontado, para lá de duas guerras, com a pior

crise económica desde os anos 30. À custa de um plano de apoio maciço aos bancos e a sectores industriais, como o automóvel, foi evitada a derrocada do sistema financeiro. A economia recomeça a crescer mas o emprego não acompanha. A taxa de desemprego permanece na casa dos 10 por cento. Serão talvez necessários dois anos para que a reestruturação crie empregos em escala razoável.

“Toda a política é local”, dizia Tip O’Neil, antigo *speaker* democrata da Câmara dos Representantes. Os democratas arriscam-se a pagar o preço do mal-estar nas eleições de Novembro, perdendo a decisiva barreira dos 60 senadores que hoje têm e que impede a obstrução. Ela já estava ontem em jogo na eleição do Massachusetts para designar o sucessor de Ted Kennedy.

A quebra da popularidade de Obama nos EUA leva analistas neoconservadores a anunciar a sua “queda” e

“a vingança do sistema”. No entanto, os republicanos não são de momento uma ameaça à supremacia democrata nem têm uma alternativa a Obama.

O seu esforço concentra-se na obstrução da iniciativa emblemática do Presidente: o primeiro projecto ambicioso de reforma da saúde em mais de 40 anos. Obama quer vê-lo aprovado até ao fim da Primavera, os republicanos querem o contrário: depois de Novembro, ele seria provavelmente enterrado.

Um movimento basista antifiscal, os *tea-party*2, difundiu-se surpreendentemente, repercutindo as acusações de Obama ter premiado os banqueiros, de aumentar o défice com o plano de saúde e de alargar a esfera de intervenção do Estado. Serão uma ajuda ímpar aos candidatos republicanos.

A agenda doméstica vai mais fundo. O frustrado atentado contra um avião no dia de Natal reacendeu a frente da

segurança. Republicanos acusam Obama e os democratas de serem laxistas em matéria de segurança nacional, enquanto à esquerda se denuncia o incumprimento da promessa do total encerramento de Guantánamo. E falta a abertura de outras frentes conflituais, como o ambiente ou a imigração, prometidas para este ano.

### Resultados?

Uma das marcas do sistema constitucional americano é a fraqueza do Presidente perante o Congresso na política interna e a larga extensão dos seus poderes na política externa.

No primeiro ano do mandato, Obama “repensou de alto a baixo a diplomacia americana”, escreve na *Foreign Affairs* Zbigniew Brzezinski. Encerrou o ciclo da “guerra ao terrorismo” e estendeu a mão aos inimigos que aceitem dialogar: não é com os amigos que se faz a paz, explicou Hillary Clinton.

### Popularidade de Obama caiu da estratosfera

Estado da economia é decisivo na avaliação dos eleitores norte-americanos

Barack Obama, iniciou o seu mandato demarcando-se do seu antecessor, George W. Bush. E a uma semana de assinalar o seu primeiro aniversário na Casa Branca, venceu uma vez mais essa diferença: perante o violento terramoto no Haiti, ordenou imediatamente uma vasta operação de auxílio de emergência, num contraste com a resposta de Bush às vítimas do tsunami do oceano Índico, em 2004, ou às populações afectadas pelo furacão *Katrina*, em 2005.

Pouco tempo antes, no Natal, Obama demorara três dias a reagir à ameaça de ataque terrorista a bordo de um avião da Northwest Airlines com destino a Detroit. Porém, de acordo com as sondagens, a maioria dos americanos (57 por cento) considerou que a resposta de Obama foi eficaz. Uma maioria também concorda com a forma como têm sido geridas as guerras no Iraque e no Afeganistão.

Mas os números provam que a opinião pública está substancialmente menos bem impressionada com o desempenho de Obama na economia, seriamente debilitada pela recessão, ou com o seu papel durante o interminável debate sobre a reforma do sistema

de saúde do país, a principal prioridade legislativa para o primeiro ano de mandato.

Os últimos números da CBS News/*New York Times* apontam o descontentamento da opinião pública: 50 por cento dos inquiridos dizem-se satisfeitos com o trabalho do Presidente contra 41 por cento que desaprovam a sua actuação. Só 41 por cento concordam com os seus esforços para combater a recessão e reanimar o mercado laboral; o apoio à condução da reforma do sistema de saúde é ainda mais baixo (36 por cento).

Um inquérito da ABC News/*Washington Post* revela que a onda de optimismo que embalou Barack Obama até à Casa Branca se esfumou completamente. Cerca de 50 por cento dos americanos consideram que Obama não está a conseguir concretizar as suas principais promessas eleitorais, enquanto 47 por cento dizem que o Presidente executou uma “boa quantidade” de medidas no seu primeiro ano de mandato.

A Administração cumpre o primeiro aniversário quebrando uma

das promessas feitas por Obama logo no seu primeiro dia na Casa Branca: o polémico campo militar de Guantánamo, onde permanecem detidos cerca de 200 homens suspeitos de envolvimento em actividades terroristas, não estará encerrado no final deste mês, como fora anunciado em Janeiro de 2009.

Um terço dos inquiridos da ABC News/*Washington Post* diz que o desempenho de Obama no primeiro ano de mandato ficou aquém das expectativas e uma escassa maioria diz ter pouca confiança em que o Presidente tome as decisões correctas para o futuro do país.

“Ele herdou a presidência numa das conjunturas mais problemáticas da história americana. O âmbito e o grau dos problemas com que ele foi confrontado não se podiam resolver em seis meses ou um ano. Por isso não admira que a sua popularidade estratosférica tenha caído [69 por cento depois da tomada de posse]. Na verdade, era inevitável que caísse, à medida que os americanos pusessem os pés na terra”, comenta Tom Baldino,

professor da Wilkes University.

“Obama encontra-se na mesma posição em que todos os Presidentes se vêem quando a economia corre mal: as pessoas atribuem-lhe a culpa. Enquanto a situação económica não melhorar, a sua taxa de aprovação vai continuar a declinar”, antecipa o professor de Ciência Política da Universidade de New Hampshire, Andy Smith.

A situação não é inédita. Ronald Reagan, um dos Presidentes mais populares de sempre, iniciou o seu segundo ano de mandato com uma taxa de aprovação abaixo dos 40 por cento. Ultrapassada a crise, ganhou confortavelmente a reeleição. O mesmo não aconteceu com George H. Bush. A sua popularidade bateu nos 89 por cento depois da invasão do Kuwait, em 1991, mas despencou para os 29 por cento em Julho de 92, vítima da recessão. Bill Clinton ganhou as eleições e celebrou a máxima “É a economia, estúpido”.

“Se a economia melhorar, e o país não estiver atolado na guerra do Afeganistão, a opinião pública vai recuperar o sentimento de optimismo e previsivelmente Obama terá a reeleição garantida em 2012”, diz Thomas Mann da Brookings Institution. Rita Siza, Washington





bizgov

**BizGov.**  
Muito para além  
da contratação.

“Em tempos  
de mudança,  
a Plataforma  
Electrónica  
de Contratação  
que vai querer  
ter ao seu lado.”



Quer seja Entidade  
Pública ou Fornecedor,  
conheça todas as  
vantagens em  
[www.bizgov.pt](http://www.bizgov.pt)

saphety

210 114 620  
sales@saphety.com



PHILIPPE WOJAZER/AFP

Tentou pôr termo à longa hostilidade do mundo árabe. Restabelecer as relações com a Rússia. Desenvolver uma parceria estratégica com a China. Confirmar as alianças tradicionais com europeus e japoneses.

E, sobretudo, procurou explorar um quadro multilateral, tirando as consequências da emergência de novas potências, como a China, a Rússia, o Brasil e a Índia.

“Os Estados Unidos não podem resolver todos os problemas do mundo”, disse em Copenhaga. Não é uma afirmação ideológica, é uma constatação da realidade que a própria Administração Bush começou a fazer a partir de 2006.

Resultados? Não são ainda vistosos, da Coreia do Norte ao Irão. No entanto, no caso iraniano, a iniciativa teve um resultado que ultrapassou todas as expectativas, abrindo uma crise no regime dos *mullah*. Mas bloqueou também, por efeito dessa mesma crise, a negociação sobre o nuclear.

Na frente israelo-palestina é patente a impotência americana. E as guerras - ou as retiradas - do Iraque e do Afeganistão são uma perigosa incógnita. A opinião pública americana está a cansar-se muito rapidamente.

Que significou para os EUA este primeiro ano? “Obama recolocou Washington no circuito das negociações internacionais” e “dissipou muito do antiamericanismo que estava no ar”, resume Leslie Gelb, antigo presidente do Council on Foreign Relations, em *The American Interest*. “Preparou o terreno para o relançamento da potência americana, o problema é que ainda não carregou no acelerador.”

Ou, como reconhece Brzezinski, “até agora, a política externa do Presidente suscitou mais expectativas do que avanços estratégicos”. Ou seja, ainda não resolveu nenhum dos grandes problemas que encontrou.

#### O teste dos próximos anos

A América “talvez não possa”, escreve ironicamente o correspondente do *Financial Times* em Washington. A desmedida ambição da agenda doméstica de Obama é cada vez mais problemática. E a economia não é apenas o desemprego, é “o coração do nosso poderio militar e diplomático, e da nossa democracia”, disse Obama no discurso sobre o Afeganistão. A China e a Rússia, que não farão favores à América, observam atentamente.

O “*Yes, we can*” de Obama e os discursos de abertura ao mundo criaram expectativas que hoje se reflectem na avaliação da sua liderança. É o teste dos próximos anos, ou até meses. Será capaz de “fazer os adversários temerem-no?” É o que se insinua na repetida comparação que analistas estabelecem entre ele e Jimmy Carter.

Obama está em apuros e chega ao fim do primeiro ano sem álibis. A herança de Bush passou à História. O papel do homem de Estado é responder às crises do tempo, às herdadas e às novas, e as de Obama são desmesuradas.

Por isso - conclui Gelb -, não lhe basta ser um bom Presidente, é obrigado a ser “excepcional”.

Barack Obama chega ao fim do primeiro ano sem álibis

# Destaque

## O aniversário da posse de Obama Os próximos desafios

### Da economia ao Haiti, os caminhos cruzados da política interna e externa dos EUA

Eleições intercalares para o Capitólio condicionam objectivos domésticos da Casa Branca

#### Economia domina atenções

Com o desemprego a bater nos dez por cento, a Administração Obama quer começar o ano a ensaiar novas medidas para a criação de postos de trabalho e estímulo à actividade económica. De acordo com fontes da Casa Branca, a economia será o principal tópico no primeiro discurso sobre o Estado da União de Barack Obama, a 27 de Janeiro. O Presidente não deixará de reclamar os créditos pelos efeitos do seu pacote de estímulo económico, no valor de quase 800 mil milhões de dólares. E não se prevê que Obama diga ser necessário voltar a injectar dinheiro público na economia – a tónica irá para o emprego.

No entanto, a Casa Branca sabe que muitas das medidas tomadas para “prevenir uma segunda Grande Depressão” foram muito impopulares, nomeadamente o resgate do sistema bancário ou as ajudas aos grandes construtores automóveis à beira da falência. “O problema desta Administração é o seguinte: para travar a recessão e inverter a queda dos mercados, eles tomaram medidas vigorosas e até bastante abrangentes, mas a escala do problema é tão grande que só isso não permitiu a recuperação do mercado de trabalho”, comenta o presidente do Economic Policy Institute, Lawrence Mishel. Além de mostrar que está determinado em resolver a difícil situação da classe média, o Presidente terá ainda de demonstrar a sua preocupação relativamente ao astronómico défice das contas públicas e ao nível do consumo do Governo. **R. S.**

#### O teste das eleições intercalares

As políticas democratas do Congresso e da Casa Branca vão estar em jogo nas eleições intercalares de Novembro, para os 435 lugares da Câmara dos Representantes e um terço do Senado. A ansiedade tomou conta da bancada maioritária, que nas votações extraordinárias de 2009 para os governos de Nova Jérsey e Virgínia viu um primeiro sinal do descontentamento do eleitorado. O Partido Republicano animou-se com essas duas importantes vitórias – e mantém esperanças que a população deseje castigar os chamados “incumbentes” pelo estado da economia e pelo crescimento do défice público. Só que nem tudo são facilidades para os republicanos. O partido não tem uma mensagem clara nem uma estratégia definida que não a mera oposição a todas as propostas provenientes da Casa Branca, o que não passa desapercibido ao eleitorado: de acordo com a

Quinnipiac University, 58 por cento desaprova a actuação dos republicanos e 31 por cento apoiam. As sondagens revelam a insatisfação do eleitorado, mas também mostram que a população acredita que o Partido Democrata é o mais bem preparado para resolver os problemas do país. Um estudo do Congressional Quarterly revelou que Obama obteve o que queria do Congresso mais do que qualquer outro Presidente dos últimos 60 anos – e os conselheiros da Casa Branca sabem que muitas das suas propostas não sobreviverão num Congresso hostil. Os conservadores precisam de recuperar 41 lugares na Câmara dos Representantes para retirar a maioria aos democratas. A tarefa, no Senado, é conseguir recuperar dois ou três lugares. **R. S.**

#### Clima, a prioridade legislativa

Provavelmente mais difícil do que aprovar a lei de reforma do funcionamento do sistema de saúde vai ser acertar um novo mercado de créditos de carbono nos Estados Unidos. Esse é o grande objectivo legislativo da Administração Obama para 2010, mas poucos acreditam que o Presidente consiga convencer os membros do Senado a estabelecer cortes e limites para as emissões que contribuem para o aquecimento global. Em Julho de 2009, a Câmara dos Representantes votou a sua versão da chamada “lei do clima”, mas idêntico procedimento parece condenado ao fracasso no Senado. Vários senadores democratas conservadores já fizeram saber que aprovar uma lei polémica, em ano de eleições, não lhes agrada. Mas a equipa de Obama continua a pressionar, alegando que esta é uma responsabilidade moral e uma oportunidade para criar empregos e fazer a reconversão energética do país. A Administração conta com o apoio de ambientalistas, de associações de investidores e dos grupos de lobby do sector energético. Empresas como a Starbucks ou a Nike defendem os planos do Presidente. Porém, Obama não vai tão longe quanto desejaria a comunidade internacional. Após a cimeira de Copenhaga, a Administração insistiu que só avançará com uma redução das emissões de 17 por cento dos níveis de 2005 até ao ano de 2020. **R. S.**

#### Terrorismo e segurança

Antes de Barack Obama tomar posse já se sabia que a expressão “guerra ao terrorismo” estava morta. Mas Guantánamo ainda lá está e será mais difícil de fechar depois do ataque falhado do dia de Natal. Um jovem nigeriano rico decidiu ir



para Londres e depois para o Iémen em busca de orientação jihadista. África voltou a ser palco público de um problema do qual há muito faz parte. Há estados falhados e há recrutas jihadista em países cheios de jovens sem perspectivas. Nada de novo. Os EUA vão dar mais dinheiro ao Iémen. Os líderes religiosos de Sanaa repetem apelos à jihad. O Iémen deverá explodir, mas vai demorar. O avião não chegou a explodir, mas, por causa do nigeriano de 23 anos, o mundo da segurança aérea voltou a entrar em histeria e Obama foi criticado pela sua abordagem à ameaça terrorista. Críticas que já ouvira depois do major Nidal Hassan, psiquiatra norte-americano, ter morto 13 pessoas na base de Fort Hood, em Novembro. Depois do Natal, Obama respondeu assumindo a culpa de “um erro sistémico”, que permitiu falhar todos os avisos que apontavam para Abdul Muttallab. “Não entrem em pânico. O medo é o verdadeiro objectivo da Al-Qaeda”, escreveu Fareed Zakaria. O ataque falhado é prova da sua fraqueza. Os sustos vão continuar, a ameaça também. **S. L.**

#### China, o maior desafio estratégico

Barack Obama resumiu numa frase o essencial: “As relações entre os Estados Unidos e a China vão moldar o século XXI (...) Esta realidade deve estar na base da nossa parceria. É esta a nossa responsabilidade comum”. Foi com ela que inaugurou o *Diálogo Estratégico e Económico* entre os dois países, em Julho passado. “Bastou um mês à equipa de Obama para estabelecer a sua orientação para a China: mais cooperação em mais domínios, de forma mais frequente”, escreve Elizabeth Economy do Council on Foreign Relations. O que Obama oferece à China é uma parceria geopolítica entre a (ainda) única superpotência mundial e a potência que pode ambicionar a um estatuto semelhante. O Presidente tem insistido em que nenhum problema global – das alterações climáticas à segurança e à economia, passando pela não-proliferação – pode dispensar o concurso da China. A resposta da China é ambígua. Pequim compreende a importância vital da cooperação económica. Mas esconde-se atrás do seu estatuto de “grande potência ainda em desenvolvimento” para descartar responsabilidades mundiais. Em Washington, há duas teorias sobre a melhor forma de lidar com a China. Zbigniew Brzezinski, o patrono de Obama, defende a ideia de um G2. Outros entendem que a melhor maneira de os EUA garantirem a integração pacífica da China é por via, multilateral. A virtude está algures no meio. Entretanto, 2010

será um ano de teste.

A administração prepara-se para vender mais armamento a Taiwan e Obama tenciona receber o Dalai Lama – são as duas linhas vermelhas em que Pequim é irreductível. Os analistas esperam alguma turbulência. Nada que faça descarrilar o comboio, mas que poderá ajudar a esfriar algum “triumfalismo” de Pequim, ditado pela crise mundial. **T.deS.**

#### Irão, um dossier imprevisível

O nuclear iraniano é um dos mais imprevisíveis *dossiers* que Washington tem de tratar em 2010. O regime teocrático de Teerão perdeu legitimidade e está dividido. É contestado na rua. Não parece próximo da queda mas num processo de declínio que pode durar anos. Perdida a legitimidade, tenderá a usar cada vez mais a força. Por isso, em lugar de previsões, os analistas começam a traçar cenários extremos. A política de abertura de Obama começou por subverter os dados do jogo, reforçando o isolamento de Teerão e retirando à teocracia o inimigo externo, o “Grande Satã”, que a ajudava a manter a coesão interna. A abertura não falhou, foi prejudicada pelo “excesso de êxito”. A crise aberta pelas eleições de Junho paralisou o Governo de Teerão e reduziu a sua margem de negociação do nuclear. O resultado foi a anulação do compromisso de Viena para tratar o urânio iraniano na Rússia e em França. Ahmadinejad desejava um sucesso internacional, mas tanto os “reformistas pragmáticos” como os Guardas da Revolução se lhe opuseram, por razões de política doméstica. Os EUA enfrentam um vasto problema. Não têm interlocutor fiável. Não desejam negociar no momento em que ocorre uma vaga de repressão. A única saída é impor novas sanções, muito selectivas, que atinjam directamente os Guardas da Revolução e não as classes médias. Obama parece hoje em melhores condições para pressionar Pequim e Moscovo. É de prevenir uma tentativa de “cerco diplomático”, envolvendo os vizinhos árabes. Continua longínqua a perspectiva de uma acção militar israelita. **J.A.F.**

#### Afpak: estratégia de saída

Talvez os interesses dos afegãos e da Administração norte-americana já tenham coincidido. Hoje, não. É uma questão de tempo e é em Washington que o tempo se acaba. A palavra na boca de todos é “reconciliação”. Já ninguém diz “vitória” (só os taliban), paz, democracia. O Afeganistão será o que tiver de ser, se possível sem guerra civil permanente e sem

líderes que protejam homens com vontade de planejar atentados na Europa, nos Estados Unidos ou na Índia. É tudo uma questão de tempo e Barack Obama já mostrou as cartas. 2010 será o ano da guerra, mas, mesmo com o reforço que o levará a ter no terreno quase 110 mil soldados, a guerra é para ser cada vez mais travada entre afegãos. Seja como for. "Estratégia de saída." Foi isso que Obama anunciou, será essa a palavra de ordem. Com baixas e pressões internas. Se possível, contendo os taliban, quando chegar a Primavera e os atentados se transformarem em combates. Os EUA gostariam de assistir a uma "reconciliação nacional". Mas sairão sem ela, a partir de Julho de 2011. Sabem que os afegãos mudam de lados. Os taliban também e, por isso, dizem que estão a ganhar - os afegãos tendem a escolher quem vai vencer. Os EUA anunciaram quando vão começar a sair e os afegãos sentem que já têm um pé fora. Depois, temem, ficarão os taliban, não os milhães que combatem por quem lhes paga, mas a liderança que está em Quetta, no Paquistão, e que gostaria de voltar a Cabul. Os EUA vão tentar matá-los no Paquistão. Vai ouvir-se falar muito do Paquistão em 2010. Mas com os taliban a demonstrar o seu poder nas ruas de Cabul, os afegãos vão saber quem está a ganhar e quem vai ficar. **S.L.**

## Desapontamento na Palestina

O primeiro ano de Barack Obama começou com grandes expectativas em relação ao conflito israelo-palestiniano: rapidamente o Presidente designou um enviado especial para a região (George Mitchell) e deu sinais de querer uma abordagem mais equilibrada do que o seu predecessor, diz o presidente do US Middle East Project (que começou no âmbito do *think-tank* Council on Foreign Relations e entretanto se autonomizou), Henry Siegman.

Mas as grandes expectativas deram lugar a um "profundo desapontamento", diz Siegman. "Apesar deste início promissor, nada mais aconteceu". O ponto de viragem foi o recuo na exigência de que Israel levasse a cabo um congelamento completo na construção dos colonatos. Obama exigiu o congelamento em Maio. Em Novembro, a sua secretária de Estado, Hillary Clinton, ia a Jerusalém elogiar como uma concessão "sem precedentes" um congelamento parcial anunciado por Netanyahu. Este é, no entanto, parcial: durará dez meses, exclui Jerusalém Oriental e construções que já tenham sido autorizadas. Aparece assim aqui um vazio de iniciativas, diz Siegman. "Obama está basicamente a continuar a

política Bush, deixando aos próprios a resolução das suas diferenças sem uma intervenção que estabeleça os parâmetros", comenta. "A recusa dos EUA em liderar faz com que a janela de oportunidade desapareça, se é que não desapareceu já". A melhor hipótese para uma solução de dois Estados, diz Siegman, é que a Autoridade Palestiniana faça uma declaração unilateral de independência que seja apoiada pela União Europeia. **M. J. G.**

## À procura de um papel no Haiti

Depois de ultrapassado o pesadelo logístico para a distribuição da ajuda humanitária de emergência para as vítimas do terramoto de Port au Prince, Obama precisa de se dedicar ao imbróglie político que resultou do desastre e decidir qual o papel que os Estados Unidos vão assumir na reconstrução do Haiti.

Para já, as forças americanas dividem-se entre operações de busca e salvamento, trabalhos de recuperação de infra-estruturas e distribuição e missões limitadas de policiamento. Em estudo está a possibilidade de alargar a vertente de segurança, perante a óbvia incapacidade das forças da missão de estabilização da ONU responderem sozinhas ao caos.

O desafio imediato é evitar que a crise de refugiados "transborde"

das fronteiras do Haiti para o seu próprio território. Há mais de um milhão de haitianos a residir nos EUA, e a intenção dessas famílias é acolher os seus familiares desalojados.

A resposta de Obama no Haiti será ainda um sinal importante em termos do proclamado compromisso da sua Administração com a América Latina e as Caraíbas (leia-se Cuba). **R.S.**

PUBLICIDADE



The bed of your dreams.\*

## Qualidade intemporal. Valor que perdura.

A cama mais luxuosa do mundo é feita à mão utilizando apenas os melhores materiais totalmente naturais.

Num mundo de camas produzidas em massa, há só uma maneira de criar uma verdadeira obra-prima - à mão. Todas as camas Hästens são construídas com orgulho e carinho por mestres artesãos na Suécia. É uma tradição de família, herdada através de cinco gerações desde 1852. E é uma diferença que pode sentir noite após noite após noite.

É também reconfortante saber que a Hästens está comprometida com a qualidade e a sustentabilidade, trabalhando com recursos renováveis e materiais integralmente naturais. É por isso que utilizamos somente os melhores algodão, lã, linho, pinho e crina de cavalo para criar as nossas incomparáveis camas. Para que se sinta revigorado, por dentro e por fora.

### HÄSTENS STORE LISBOA

Rua de S. Bernardo, 43 B

1200-824 Lisboa (Lapa)

Tel: +351 213 975 106

Email: info@hastens.rroudes.com

\* A cama dos seus sonhos.

**Hästens**   
www.hastens.com/en



## O aniversário da posse de Obama Entrevista ao investigador Michael O'Hanlon



NUNO FERREIRA SANTOS

# “Seria surpreendente grandes resultados em apenas um ano”

Este especialista da Brookings Institution considera que Obama teve uma “abordagem correcta, pragmática e moderada dos problemas” e que mostrou “maturidade” ao seguir algumas políticas de George W. Bush

### Teresa de Sousa

● Foi consultor e apoiante de Hillary Clinton durante as primárias do Partido Democrata - um dos muitos “falcões democratas” que viam em Obama demasiada inexperiência para enfrentar os pesados desafios internacionais da América. Continua a ser um pragmático, pouco interessado na retórica do Presidente e mais nos resultados da sua política. Dá a Obama, no entanto, uma boa nota. E lembra que ele é, acima de tudo, o Presidente da América. Michael O'Hanlon é um dos principais investigadores da Brookings Institution para as questões de segurança e defesa. O PÚBLICO entrevistou-o por telefone.

Alguns descontentos em relação ao Presidente Obama era inevitável, dadas as enormes expectativas que a sua eleição gerou no mundo. Mas hoje muita gente está a dizer que Obama é “só boa vontade e nenhum resultado”. Qual é a sua avaliação? Penso que ele está a fazer um bom trabalho. Seria surpreendente que alguém conseguisse produzir grandes resultados na frente internacional em apenas um ano. Quase todos os grandes problemas da política externa exigem muito mais tempo do que isso para serem resolvidos. Penso que temos de avaliar o Presidente Obama com justiça e com equilíbrio - avaliando sobretudo as suas decisões em função das escolhas que tinha à sua disposição e levando também

### Balanço

52%

dos americanos aprovam a acção de Obama em Janeiro 2010. Em Fevereiro 09, a taxa de aprovação estava nos 69%

114.000

tropas no Iraque em Dez. 09. Um ano antes eram 145.000. No Afeganistão é o inverso: 70.000 em Dez. 09, 31.000 um ano antes

10%

de taxa de desemprego em Dezembro 09 (últimos dados disponíveis). Em Janeiro 09, a taxa estava nos 74%

em conta a qualidade do próprio processo de decisão.

A partir destes dois critérios, creio que estamos perante um sólido primeiro ano. Por exemplo, nas guerras no Iraque e no Afeganistão, ele não hesitou em usar o tempo de que necessitava, dada a enorme importância das decisões que tinha de tomar. Estabeleceu prioridades claras. Também elevou a importância do Paquistão, considerando, e bem, que esse país é extremamente importante por causa da sua dimensão e das suas armas nucleares. Se juntarmos tudo isto que lhe estou a dizer, verificamos que se tratou de uma forma muito consistente de rever as orientações políticas em relação às duas guerras. E penso que foi também

muito pragmático na forma como lidou com a crise diplomática maior da Coreia do Norte.

Não houve, de facto, resultados espectaculares, mas sim uma abordagem correcta, pragmática e moderada dos problemas.

**O que está a dizer aplica-se também à forma como lidou com as grandes potências que são hoje os novos actores internacionais?** Também aí me parece que merece aprovação. E refiro-me tanto aos aliados europeus da NATO e ao Japão, como aos chamados poderes em transição - a Rússia, a China e a Índia. Mesmo que não tenha havido resultados espectaculares, começou a estabelecer os fundamentos para o futuro. E isso é muito para apenas um ano.

**Pensa que, com o que fez até agora, já mudou efectivamente a agenda internacional? Muita gente diz que, em muitas desses domínios, Obama se limitou a dar continuidade às políticas do seu antecessor?**

Eu avalio-o por critérios realistas. Práticos. Nunca fui um grande entusiasta da sua presidência, mas não sou hoje tão crítico como outros precisamente porque uso esses critérios realistas e plausíveis e não espero mais do que isso.

E isso também quer dizer que algumas das políticas de Bush não eram assim tão más e que a sua herança não era assim tão pesada. Depende das questões em causa. Por exemplo, na forma de lidar com o Iraque, creio que a política de Bush se tornou bastante boa no final. E penso, por isso, que é um sinal de grande maturidade política por parte do Presidente Obama ser capaz de seguir essas políticas, nos casos em que elas eram consistentes, mesmo quando está a tentar estabelecer um caminho diferente para a política externa americana. Dou-lhe crédito por isso, mesmo que esteja de acordo com o que disse - que, em alguns casos, ele continua a lógica de Bush.

**Devemos olhar para as coisas que fez também em termos de uma visão de longo prazo? Pensa que está a construir as bases para uma diferente relação dos EUA com o mundo?**

Realisticamente, não sei se isso é possível ou se as coisas devem pôr-se desse modo. Se olhar para as políticas de George W. Bush em relação à Ásia, elas eram bastante populares nos principais países da região.

O simples facto de Bush já não estar na Casa Branca já é uma mudança importante. De algum modo, o estilo de Obama é mais próximo do de Bill Clinton e do primeiro Presidente Bush. George W. Bush foi muito controverso sobretudo por três ou quatro decisões que tomou: no Iraque, em Guantánamo e nalguns aspectos da guerra ao terror. Não quer dizer que tenha feito tudo mal. E seria um erro tentar mudar cada um dos aspectos da sua política

externa - tal como o próprio Bush fez em relação ao seu antecessor, passando de um extremo para o outro. Houve casos em que a sua política esteve certa. E a melhor maneira de lidar com isso é ir fazendo mudanças graduais.

Também é importante reconhecer que um Presidente não pode fazer tudo ao mesmo tempo. Obama já é criticado por tentar fazer demasiado. Se ele sentisse a necessidade de deitar imediatamente pela borda fora tudo o que Bush fez, isso tornaria a sua tarefa ainda mais difícil porque teria ainda mais questões para lidar ao mesmo tempo.

De uma forma geral, a noção de que ele devia pôr de lado tudo o que herdou nem sequer faz sentido.

*O Economist* dizia recentemente que chegou para Obama o momento de “vestir as luvas de boxe”. O seu estilo racional e mais conciliador pode estar a dar o sinal errado, como dizem alguns dos seus críticos?

Não. Já lhe falei da forma como ele encarou as duas guerras com enorme determinação - mantendo basicamente aquilo

“

*De algum modo,  
o estilo de Obama*

*é mais próximo  
do de Bill Clinton  
e do primeiro*

*Presidente Bush*

Michael O'Hanlon, da  
Brookings Institution

”

que Bush estava a fazer no Iraque, triplicando as forças de combate americanas no Afeganistão, duplicando em vários domínios o nosso compromisso com o Paquistão - duplicou a ajuda americana, apoiou a democracia, manteve e intensificou os ataques com os drones (aviões telecomandados) que Bush tinha iniciado. Se olhar à sua volta, claro que há áreas em que tentou ser mais construtivo e conciliatório - por exemplo, com a Rússia. Mas, de uma maneira geral, tem sido bastante determinado. Posso acrescentar a forma como está a lidar com o Irão e a Coreia do Norte, embora, nestes dois casos, seja ainda muito cedo para lhe dar crédito por ter conseguido verdadeiros avanços. Mas houve em todos eles uma abordagem muito pragmática e muito consistente.

Se olharmos para as políticas, e não apenas para a retórica, penso que é muito claro que ele se tem mostrado bastante resolutivo. Triplicar as forças de combate no Afeganistão é um sinal muito significativo de que este Presidente não tem medo de tomar decisões.

**As grandes democracias emergentes - o Brasil, a Índia, a Turquia -, que saudaram a sua eleição, não se têm mostrado muito cooperativas quando ele tenta construir algo de novo na ordem internacional. Como é que interpreta este facto?**

Não tenho a certeza do que quer dizer com isso. O Presidente Obama não está a concorrer a um concurso de popularidade. Está a tentar enfrentar os grandes problemas mundiais. Se o Brasil tem um problema específico para resolver com ele e acha que ele não lhe está a dar a devida atenção - tudo bem. Mas a noção de que Obama deve a cada país do mundo ou a cada grande democracia emergente uma atenção permanente e especial não faz qualquer sentido. Prestar atenção a esses países apenas para que se sintam bem não é a forma de um Presidente americano fazer política externa.

Ele tem de concentrar-se nas grandes questões - nos grandes desafios e nos grandes problemas. Que não são poucos. Mas a verdade é que, nas questões-chave com as quais esses países estão

preocupados, creio que Obama está a tentar mostrar-lhes a sua atenção.

**Na Europa, por exemplo, há esse sentimento de que o Presidente Obama não presta a devida atenção aos aliados. Que se preocupa sobretudo com a Ásia. Trata-se de um complexo dos europeus ou há de facto uma forma diferente de olhar para o mundo?**

A função de Obama não é fazer as pessoas sentirem-se bem. A sua função é resolver os problemas. A Europa queria sentir-se mais importante do que era antes? Não é essa a forma como Obama deve conduzir a sua política externa. Deve concentra-se em tornar o mundo mais seguro e mais próspero, em restaurar o crescimento económico mundial, em conduzir as guerras e as crises que temos diante de nós e em lançar os fundamentos para um futuro mais sólido. Claro que isso requer alguma atenção aos aliados. Creio que os aliados têm de ser um pouco mais justos. Obama tem uma agenda carregada. Prestar-lhes mais atenção? Não é assim que o mundo funciona.

PUBLICIDADE

**NOVA NISSAN NV200 Van of the Year 2010**

Imensa por dentro, compacta por fora. 4,2 m³ de capacidade e até 7 lugares em apenas 4,4 m de comprimento. Conduza o que é novo.

Por 11.825 €

**NISSAN**

SHIFT the way you move

www.nissan.pt. Eleita Furgão do ano 2010 por um júri europeu de imprensa especializada. PVP recomendado sem IVA (Pintura metalizada e transporte não incluídos. Campanha promocional individual). Preços válidos para Portugal, para venda a privados e a profissionais por conta própria na compra de até 8 unidades; para outros canais de venda, dirija-se ao seu concessionário Nissan. A imagem nem sempre corresponde ao modelo publicitado. Válido até 31/01/10. Modelo visualizado NV200 Combi 5 Premium. Consumo urbano: 5,7-9,4 l/100 km/ extra urbano: 4,9-6,4 l/100 km/ misto: 5,2-7,5 l/100 km. Emissões de CO2: 137-177 g/km.